

**De Paris a Brasília:
Intelectuais, ideias e ilusões no Le Monde
Diplomatique**

**De París a Brasília:
Intelectuales, ideas e ilusiones en Le Monde
Diplomatique**

**From Paris to Brasilia:
Intellectuals, ideas and illusions on Le Monde
Diplomatique**

Juliana Sayuri Ogassawara ¹

Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

julianasayuri.o@gmail.com

Fecha de recepción: 14 de agosto de 2019

Fecha de recepción evaluador: 20 de agosto de 2019

Fecha de recepción corrección: 31 de agosto de 2019

¹ Jornalista e doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com temporada de pesquisa vinculada à École des Hautes Études en Sciences Sociales. Foi *visiting scholar* na Columbia University e fez estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É autora dos livros *Diplô: Paris – Porto Alegre* (Com-Arte, 2016) e *Paris – Buenos Aires* (Alameda, 2018). <https://orcid.org/0000-0001-6186-5313>

Resumo

Fundado na França, na década de 1950, *Le Monde Diplomatique* foi difundido em diversas edições internacionais ao longo de sua trajetória, marcado por posicionamentos editoriais críticos ao imperialismo e ao neoliberalismo. Em 2007, foi lançada a edição *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ancorado na história da imprensa e na história dos intelectuais, este artigo aborda a história da edição brasileira a partir de três pontos: as condições contextuais da instalação da publicação francesa no país latino-americano, a dinâmica das relações entre intelectuais e jornalistas e o impacto desses fatores na perspectiva de *Le Monde Diplomatique Brasil* em dois momentos-chave: 2008 (época de otimismo da “onda rosa” na América Latina, ante a crise financeira internacional) e 2013 (marcado por pessimismo e desilusões em relação aos rumos da política de Brasília).

Palavras-chave: Le Monde Diplomatique Brasil; imprensa; intelectuais; política.

Resumen

Fundado en Francia en la década de 1950, y conocido por posiciones editoriales críticas al imperialismo y el neoliberalismo, *Le Monde Diplomatique* se ha multiplicado en varias ediciones internacionales a lo largo de su historia. En 2007, se lanzó la edición *Le Monde Diplomatique Brasil*. Inserido en el campo de estudios de la historia de la prensa y la historia de los intelectuales, este artículo aborda la historia de la edición brasileña desde tres puntos de vista: las condiciones contextuales de la instalación de la publicación francesa en el país latinoamericano, las relaciones entre intelectuales y periodistas y el impacto de estos factores en la perspectiva de *Le Monde Diplomatique Brasil* en dos momentos-clave: 2008 (temporada optimista de la “ola rosa” en América Latina, ante la crisis financiera internacional) y 2013 (tiempo marcado por pesimismo y decepción con respecto a la dirección de la política de Brasilia).

Palabras-clave: Le Monde Diplomatique Brasil; prensa; intelectuales; política.

Abstract

Founded in France in the 1950s, and known by editorial positions critical to imperialism and neoliberalism, *Le Monde Diplomatique* has been disseminated in several international editions along its history. In 2007 was launched *Le Monde Diplomatique Brasil*. Inserted in the field of studies of the history of the press and the history of the intellectuals, this article approaches the history of the Brazilian edition considering three factors: the conditions of the French publication's installation in Brazil, the newsroom workflow between intellectuals and journalists and the impact of these factors on *Le Monde Diplomatique Brasil's* perspective in two key-moments: 2008 (the “pink wave” optimistic season in Latin America, and the international financial crisis) and 2013 (marked pessimism and disappointment regarding Brasilia's policy).

Key-words: Le Monde Diplomatique Brasil; press; intellectuals; politics.

Introdução

Paris, 1954. A primeira edição de *Le Monde Diplomatique* foi lançada na França, idealizado como suplemento do diário *Le Monde*, fundado por Hubert Beuve-Méry. Inicialmente, *Le Monde Diplomatique* se destinava ao universo das embaixadas diplomáticas e da elite econômica europeia, tendo textos assinados principalmente por repórteres da editoria internacional do *Monde*.

Na década de 1970, o jornalista francês Claude Julien revolucionou a linha editorial de *Le Monde Diplomatique*. Empossado novo diretor, Julien ampliou o escopo das pautas e aumentou significativamente o número de artigos assinados por intelectuais vinculados a universidades, orientando o periódico à sua atual linha de contestação política. Assim, *Le Monde Diplomatique* deu seus primeiros passos para sair da tutela do diário, firmando ainda sua legitimidade no campo intelectual.

Na década de 1990, o sociólogo espanhol Ignacio Ramonet assumiu a direção de *Le Monde Diplomatique*, que conquistou notoriedade e relevância internacional, passando a atrair leitores de outros países – muitos deles, jornalistas, intelectuais e ativistas. À frente da direção francesa entre 1990 e 2008, Ramonet arraigou a linha editorial do periódico, que se tornaria internacionalmente reconhecida por posições críticas ao imperialismo e ao neoliberalismo.

Ramonet dedicou o editorial de janeiro de 2003 para celebrar a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil. Segundo a expectativa do editor, a posse simbolizava o indicador mais manifesto das mudanças em curso na América Latina, uma virada de página do projeto neoliberal para outro paradigma econômico, mais humano e mais solidário.

“Viva Brasil!” foi o título escolhido para o editorial, que dizia:

É num contexto latino-americano em plena ebulição que o novo presidente do Brasil, sr. Luiz Inácio “Lula” da Silva, antigo dirigente sindical, chefe do Partido dos Trabalhadores, eleito em outubro de 2002, assume suas funções. Pela primeira vez, o imenso Brasil – com 170 milhões de habitantes, décima potência industrial do mundo – está prestes a ser governado, dentro de condições democráticas, por um líder da esquerda radical que rejeita a globalização liberal. É um evento de primeira grandeza. Num contexto muito diferente, lembra o que significou, em 1970, a eleição do socialista Salvador Allende à presidência do Chile... Este 1º de janeiro de 2003 marca assim o início de um novo ciclo histórico na América Latina (Ramonet, 2003, p. 1).

O tom otimista também marcou o editorial da edição especial *Manière de voir* n.º 90, veiculada entre dezembro de 2006/janeiro de 2007. Ramonet definia o momento latino-americano com a hiperbólica expressão *age d’or* – era de ouro, em português. Segundo o editor, a América Latina viveria um marcante tempo de paz, prosperidade e, principalmente, consolidação democrática. Elencava vitórias, entre eleições e reeleições, de candidatos de esquerda ou centro-esquerda na região, como Hugo Chávez na Venezuela, Néstor Kirchner na Argentina, Tabaré Vázquez no Uruguai, Evo Morales na Bolívia, Michelle Bachelet no Chile e Lula no Brasil. O território latino-

americano, nas palavras do editor, estava sendo estremecido por “uma onda rosa e vermelha” (Ramonet, 2006/2007, p. 4).

Na edição argentina de *Le Monde Diplomatique*, o então editor Carlos Gabetta também traduzia a tormenta que se abria como oportunidade para pensar alternativas:

A muitos, a muitíssimos, esse ponto de vista continua parecendo uma ingenuidade, um *wishfull thinking* sofisticado, mas não sentem vocês, simplesmente lendo atentamente os bons jornais, que estamos vivendo um tormentoso, violento, confuso, imprevisível e apaixonante fim de época? [...] A América Latina tem todas os ativos para sair adiante. Riquezas, território e unidade cultural; camponeses, metalúrgicos, classes médias, cientistas e intelectuais produto de um trânsito marginal e caótico, mas trânsito por fim, para a modernidade. Tempos duros e apaixonantes, que pedem por estadistas e visionários da história antes que políticos que podem deixar passar a oportunidade (Gabetta, 2004, p. 3).

São Paulo, 2007. *Le Monde Diplomatique* se instala no Brasil, após diferentes tentativas editoriais. Antes de desembarcar definitivamente no país, os textos franceses encontraram espaço pela primeira vez na imprensa alternativa: nas páginas do *Movimento*, idealizado por um núcleo de antigos jornalistas do alternativo *Opinião* e da revista *Realidade*, em 1975 (Aquino, 1999). No *Movimento* foram traduzidas reportagens do *Monde Diplomatique* em 1976, como textos da jornalista e ativista sul-africana Ruth First (assassinada na luta contra o apartheid) sobre a África Austral e do correspondente francês Roland Berger sobre a China maoísta (Sayuri, 2016).

No fim da década de 1990, o jornalista Antonio Martins ensaiou uma edição eletrônica de *Le Monde Diplomatique* no Brasil. Entre 1999 e 2006, a versão digital teve publicação constante, mas estava estritamente focada na tradução dos artigos das edições internacionais, recuperando principalmente o arquivo da edição francesa. Tratava-se, portanto, de um tipo de biblioteca digital, organizada por palavras-chaves e datas.

Nos anos 2000, o sociólogo Sílvio Caccia Bava iniciou outro projeto, procurado por integrantes da Attac Brasil, braço brasileiro do movimento altermundialista Attac fundado por intelectuais do *Monde Diplomatique* na França. Assim, Martins ficou a cargo da versão digital e Bava, da edição impressa. Os dois projetos, ambos sob o selo do *Diplô*, passaram a trilhar caminhos independentes. Assim se publicou o editorial de estreia, datado de agosto de 2007:

[...] *Le Monde Diplomatique Brasil* constitui, finalmente, uma porta aberta ao novo. Novos comportamentos, novas formas de intervenção cultural, novas proposições artísticas. A extraordinária mobilidade de pessoas e informações talvez seja o traço mais marcante desta época. O intercâmbio, talvez caótico, mas extremamente vigoroso, que daí resulta, oferece à humanidade uma oportunidade única. Queremos ser os olhos e os ouvidos deste tempo. E também os seus protagonistas (Arantes, 2007, p. 3).

Marco teórico-metodológico

Ao longo de sua história, *Le Monde Diplomatique Brasil* observou, narrou e protagonizou discussões diversas sobre a realidade brasileira, entre expectativas fomentadas pela famosa “onda rosa” dos anos 2000 e desilusões diante das convulsões políticas no país na década seguinte, sobretudo após as jornadas de junho de 2013, o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) e o governo de Michel Temer (MDB), em 2016, e a ascensão de Jair Bolsonaro (PSL), em 2018.

No Brasil, diversos estudos se debruçaram sobre a imprensa como observadora, narradora e protagonista de uma história (Luca, 2014). Estudar a imprensa implica descobrir e demarcar seus elos internos e externos, como indica Jean-Noël Jeanneney (2003). Vale um olhar para dentro desse pequeno universo simbólico, com idiosincrasias, ideologias e, não menos importante, dinâmicas dentro das redações, lembrando, como diz Jean-François Sirinelli (2003), que redações podem compor observatórios de primeira ordem das articulações intelectuais. E um olhar para fora, isto é, nas relações da imprensa com a sociedade e o poder.

Na linha proposta por John Thompson (2009), destaca-se que a comunicação midiática é um fenômeno social contextualizado, isto é, se enquadra em contextos sociais que se estruturam de diversos modos a partir de condições contextuais e que, por sua vez, produzem impactos noutras esferas. Para Thompson, o produto final da imprensa (texto), seu poder simbólico e seus possíveis impactos não podem ser analisados sem se considerar as condições sociais de produção e difusão (contexto). Logo, considera-se imprescindível dedicar um olhar histórico para se pensar as mídias, considerando condições econômicas e políticas de produção, como advogam Armand Mattelart e Michele Mattelart (2004).

A partir de tais marcos, este artigo propõe uma análise das ideias e ilusões suscitadas por *Le Monde Diplomatique* no Brasil, triangulada nos seguintes pontos: 1) as condições contextuais da instalação da publicação francesa no país latino-americano (na esteira do altermundialismo, idealizado por intelectuais franceses e expresso no Fórum Social Mundial de Porto Alegre), 2) a dinâmica das relações entre intelectuais e jornalistas (nos polos França e Brasil) e 3) o impacto desses fatores na perspectiva de *Le Monde Diplomatique Brasil* na estreia de 2007-2008 (época de otimismo da “onda rosa” na América Latina) e nos ecos de junho de 2013 (marcado por pessimismo e desilusões em relação aos rumos da política de Brasília).

As páginas seguintes destacam a análise ancorada especialmente nos editoriais de *Le Monde Diplomatique Brasil* publicados entre agosto de 2007 e dezembro de 2018, de tal sorte que, em determinados momentos, propositalmente privilegiou-se a transcrição de trechos representativos dos posicionamentos editoriais para demarcar a perspectiva dos editores do periódico. Cruzando os resultados do trabalho histórico de arquivo e as considerações da literatura especializada a respeito de *Le Monde Diplomatique*, as discussões foram estruturadas em três marcos: Porto Alegre, Paris e Brasília.

Discussões

Ecoss de Porto Alegre

“Um novo olhar sobre o mundo, um novo olhar sobre o Brasil”. Este foi o slogan escolhido para o lançamento de *Le Monde Diplomatique Brasil*, que se pretende uma “publicação democrática, pluralista, apartidária e crítica”, com “independência político-econômica, autonomia editorial e densidade analítica”. Trata-se de um periódico mensal, com cerca de 40 páginas, preenchidas por artigos longos de acadêmicos, ativistas e jornalistas, invariavelmente pontuados por referências bibliográficas. Segundo integrantes da edição brasileira, a proposta é compor um campo de discussão de ideias e intervenção política.

O primeiro editorial é peça-chave para compreender o contexto para a consolidação de *Le Monde Diplomatique Brasil*. Nas expressões do então editor José Tadeu Arantes, “um momento de transição” e “um tempo de perplexidades”. Para Arantes, o século XXI marcaria um momento a ultrapassar a polarização entre direita e esquerda, e, diante disso, *Le Monde Diplomatique Brasil* teria ambições de se firmar como uma nova imprensa, que se pretende pluralista, democrática e apartidária – um alento após o “fim da história”. Nesta linha, o editor dizia que, com o fim da bipolaridade do século XX,

[...] a intelectualidade encontra-se livre de opressivas camisas-de-força ideológicas – livre para construir novos paradigmas capazes de responder aos desafios do presente, como tem sido apontado pelas sucessivas reuniões do Fórum Social Mundial. Tal constatação, por si só, justificaria o lançamento de *Le Monde Diplomatique Brasil* – edição brasileira impressa do periódico francês *Le Monde Diplomatique*. Pois, nascido em 1954, como suplemento do prestigioso cotidiano *Le Monde*, este se tornou, ao longo dos anos, uma permanente referência para quem busca inteirar-se do cenário mundial e dos grandes temas políticos, sociais, econômicos, culturais e filosóficos da atualidade. [...]. A edição brasileira é herdeira desse sólido legado. Sem pretender medir forças com outros órgãos da imprensa nacional, esperamos ocupar um espaço muitas vezes negligenciado, contribuindo para a crítica ao pensamento único (Arantes, 2007, p. 3).

À época ecoavam as expectativas de “um outro mundo possível”, bandeira levantada pelo movimento altermundialista, que se iniciou nas manifestações durante as reuniões internacionais das principais instituições financeiras, como nos protestos de Seattle em novembro de 1999. Trata-se de um movimento contra a globalização neoliberal, tendo como auge a realização do primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2001.

O “altermundialismo” (do francês *altermondialisme*) foi idealizado a partir do movimento Attac, com contribuições de articuladores como o empresário israelo-brasileiro Oded Grajew, o arquiteto brasileiro Francisco Whitaker e o editor francês Bernard Cassen, reunidos na redação parisiense de *Le Monde Diplomatique* – os arquitetos do altermundialismo, como diz Maxime Szczepanski-Huillery (2005).

Idealizado como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, o primeiro encontro na capital gaúcha aglutinou ativistas, artistas, estudantes, intelectuais e líderes de movimentos sociais, a fim de construir alternativas e, nas palavras de Milton Santos (2004, p. 21), “escrever uma nova história”. Porto Alegre, apostou Ramonet (2001, p. 40), seria o laboratório para tanto:

[...] Porque Porto Alegre se tornou há tempos uma cidade emblemática aos olhos dos que pensam que verdadeiramente é possível outro mundo. Capital do Rio Grande do Sul, o mais meridional do Brasil, na fronteira com Argentina e Uruguai, Porto Alegre é um tipo de laboratório social que os observadores vindos de todo mundo miram com certa fascinação. [...] Nesta cidade singular, onde se desenvolve uma democracia diferente das demais, o Fórum Social Mundial levantará outra globalização que não exclua os povos. Há dez anos que o capital e o mercado tentam nos convencer de que, contrariamente ao que diziam as utopias socialistas, são eles – e não o povo – que fazem a história e a felicidade humana. Em Porto Alegre, novos sonhadores lembrarão que não só a economia é mundial, mas também a proteção do meio ambiente, a crise das desigualdades sociais e a preocupação com os direitos humanos são questões mundiais. E que aos cidadãos do planeta corresponde se encarregar delas.

Neste contexto, portanto, instalou-se *Le Monde Diplomatique Brasil*, uma entre as diversas edições internacionais da gazeta francesa. Segundo o editor francês Dominique Vidal, o impulso de abrir uma filial de *Le Monde Diplomatique* partiu da iniciativa dos próprios jornalistas e intelectuais mundo afora (e não de uma prospecção de novos negócios a partir de Paris). “Estão entre os herdeiros do Maio de 68 espalhados pelo mundo, que pertencem ao movimento altermundialista ou representam, simplesmente, órgãos de imprensa social que querem cobrir melhor as realidades internacionais, todos desejosos, sobretudo, de contribuir para a difusão do *Diplô*, veículo que julgam sério, documentado e crítico”, escreveu Vidal (2006, p. 27).

Eram tempos, portanto, de otimismo sobre o potencial do movimento altermundialista, ainda catalisados pelo momento político da América Latina, agitada pela “onda rosa”. Para o sociólogo Silvio Caccia Bava, tal contexto histórico possibilitava “olhar para o futuro” (Sayuri, 2016).

Ecos de Paris

No editorial do primeiro aniversário de *Le Monde Diplomatique Brasil*, de julho de 2008, o editor relembra as propostas iniciais lançadas pelo tabloide:

Um novo olhar sobre o mundo. Um novo olhar sobre o Brasil. Com esse slogan nos pusemos a campo, assumindo um compromisso público de trazer múltiplos e qualificados olhares sobre as questões mais importantes da conjuntura nacional e internacional. Evidentemente, demos uma atenção especial ao que se passa na América Latina. E buscamos a contribuição de intelectuais engajados na construção de “um outro mundo possível”, de caminhos que nos apontem utopias e o desenho de uma nova sociedade que supere os impasses atuais (Bava, 2008, p. 3).

Le Monde Diplomatique Brasil contou com dois pilares para se firmar no mercado editorial do país. De um lado, o prestígio conferido ao conteúdo da edição idealizada em Paris, que ativistas, intelectuais e jornalistas julgam “sério, documentado e crítico”, para

citar Vidal, e assim decidiram apostar na composição de uma versão realizada em São Paulo. De outro, o contexto histórico de inícios do século XXI, agitado, entre outros acontecimentos, pela expectativa elevada com a ascensão de governantes à esquerda na América Latina e pelo furor otimista das primeiras edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Assim firma a ideia de oferecer “outro olhar” e pensar “outro mundo”. Propõe, entretanto, não apenas a invenção de um “novo mundo”, mas um “outro mundo”. É o que expressa, por exemplo, o editorial de dezembro de 2008:

Os analistas que recuperam a dimensão histórica dos processos atuais apostam numa ampla mobilização social, em transformações profundas, mas não constroem a narrativa da sociedade futura. O que virá depois deste modo de produção capitalista de mercado? Abre-se um novo período de disputas e negociações. Novos atores e novos sujeitos políticos entram na cena pública na América Latina e apresentam suas demandas, que começam por exigir mais democracia. Os movimentos sociais ganham vigor e articulam-se em redes, buscam suas conexões com a política, com as universidades, com as classes médias, elaboram plataformas, propõem políticas, soluções. Em muitos países da América Latina, amplas maiorias elegem governantes de novo tipo, mais comprometidos com os interesses populares. Com isso, estão dadas condições para instituir novas relações entre Estado e sociedade civil. Processos constituintes, reformas políticas, referendos e participação cidadã na gestão pública vão criando novos espaços de negociação e buscam a realização de um novo contrato social. Pois é disso justamente que se trata - a aspiração mais geral que vem de todos esses movimentos é criar um novo contrato social, fundar uma nova sociedade. Já existiu no passado uma experiência de contrato social que avançou no reconhecimento dos direitos humanos. Foi o Welfare State, o Estado do Bem-Estar Social. Resultado das lutas conduzidas durante um século pelos movimentos operários e sociais, cristãos e socialistas, ele foi aceito pelas classes dominantes para demonstrar, entre outras coisas, que o sistema capitalista de mercado pode responder de maneira mais eficaz que o socialismo-comunismo ao objetivo de realização de uma sociedade justa, solidária, democrática e fundada na igualdade entre todos os cidadãos. Hoje a situação é outra. Não há mais a ameaça comunista. E os setores mobilizados da sociedade não correspondem mais ao proletariado de antigamente. Mas as apostas por mudanças estão mais fortes, impulsionadas por grupos que se constituem a partir de outras identidades. Apesar de toda essa mobilização, falta uma narrativa de uma nova sociedade, uma interpretação do que pode ser o futuro que empolgue multidões. A principal tarefa da esquerda é propor um mundo novo, pensar uma nova sociedade, construir uma utopia, construir uma narrativa – com passado, presente e futuro – que seja capaz de prefigurar uma nova sociedade (Bava, 2008a, p. 3).

A tônica do editorial está alinhada às diretrizes da matriz francesa de *Le Monde Diplomatique*. A fim de compreender a dinâmica das edições internacionais, nas relações entre intelectuais e jornalistas de diferentes nacionalidades, é importante lembrar que, afinal, Paris é a matriz e as demais edições são subsidiárias, franquias, filiais. Apesar da impressão de horizontalidade, há hierarquia, pois, ao se propor a publicar versões do *Monde Diplomatique* nos seus países, os jornalistas e intelectuais pactuam com a ideia de que é preciso seguir a linha editorial da edição francesa.

Um dos elementos que sinaliza a hierarquia é o contrato firmado com a matriz francesa, que estipula que cerca de 60-70% do conteúdo da edição brasileira corresponda a conteúdos produzidos pela edição francesa – é obrigatório traduzir e publicar o editorial do mês da matriz francesa (desde abril de 2008, o editorial é assinado por Serge Halimi, o atual diretor). Os 30-40% restantes podem vir tanto de outras edições internacionais de

Le Monde Diplomatique quanto textos produzidos no Brasil. Logo, é possível compreender por que o conteúdo da revista é majoritariamente composto por temas internacionais.

Entre agosto de 2007 e julho de 2008, por exemplo, *Le Monde Diplomatique Brasil* se dedicou a poucas questões localizadas, tais como a vida política em São Paulo, os contextos do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, o pacto federativo municipalista e os territórios da cidadania, os movimentos Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Nas doze primeiras edições (2007-2008), apenas quatro capas do magazine foram dedicadas a assuntos diretamente relacionados ao Brasil. Entre as edições de 2013, foram 8. Entre as edições de 2016, foram 12, isto é, todas.

Todavia, mais do que uma revista francesa difundida no exterior, os editores franceses consideram *Le Monde Diplomatique* um periódico internacional nascido na França. Entre as diretrizes editoriais, às quais as edições internacionais devem subscrever e seguir, estão os posicionamentos críticos ao imperialismo e ao neoliberalismo. Na dinâmica do dia a dia das redações, intelectuais e jornalistas franceses estão em constante comunicação com as edições internacionais, mas as equipes são independentes – os editores franceses não precisam aprovar artigos antes da publicação, por exemplo. Além disso, os jornalistas franceses eventualmente escrevem sobre o Brasil e a América Latina e, ao mesmo tempo, traduzem artigos de autores brasileiros e latino-americanos.

Trata-se, portanto, de uma construção polifônica: a voz da matriz francesa reverbera nas edições internacionais (a partir, por exemplo, da tradução obrigatória do editorial francês), mas dialoga com as vozes da edição internacional – às vezes, todas se afinam no mesmo tom, outras, não. Neste contexto, nos primeiros tempos de *Le Monde Diplomatique Brasil* predominaram os ecos de Paris em relação aos rumos políticos no Brasil (as expectativas sobre os governos de Lula, a época otimista da onda rosa, o auge altermundialista de Porto Alegre). Entretanto, o tom paulatinamente mudou diante das convulsões políticas de Brasília.

Ecos de Brasília

Desengatilhadas pelo Movimento Passe Livre (MPL-SP), as jornadas de junho de 2013 ocuparam o centro das discussões políticas no país. Partindo de São Paulo, a onda de protestos se alastrou por várias cidades brasileiras até chegar às portas da capital federal, Brasília, mobilizando milhares no que se tornaria a maior série de manifestações de rua desde o movimento pelo impeachment do presidente Fernando Collor, 21 anos antes.

Diversas análises foram publicadas à época e *a posteriori* a respeito das manifestações, seus antecedentes, seu contexto e suas consequências. Autores de diferentes áreas – acadêmicos como Pablo Ortellado (2013), Patrick Arley e Rudá Ricci (2014) e Ilse Scherer-Warren (2014), ativistas como Bruno Cava (2013) e jornalistas

como Piero Locatelli (2013) – a publicaram textos a quente, outros produziram documentários, crônicas, artigos.

Entre junho e julho de 2013, no calor da hora, o editorial de *Le Monde Diplomatique Brasil* definia as mobilizações como “históricas”: “Elas introduziram na cena pública, depois de décadas de ausência, o cidadão indignado”, escreveu o editor Silvio Caccia Bava. Entretanto, já alertava o autor, outros avatares avançavam às ruas tentando redirecionar os protestos, tendo como alvo o governo federal, a presidente Dilma Rousseff. Segundo Bava, estariam em jogo as conquistas sociais das últimas três décadas no país.

Nas páginas de *Le Monde Diplomatique Brasil*, os jornalistas Cristiano Navarro, Luís Brasilino e Renato Godoy também sinalizavam o caráter difuso das pautas das manifestações, disputadas pela direita e pela esquerda, e uma forte corrente antipartidos, ilustrada por dizeres como “meu partido é o Brasil” (que, anos depois, se tornaria o slogan de campanha de Jair Bolsonaro). Tanto o editor quanto os jornalistas criticam a cobertura da imprensa *mainstream* aos protestos.

A partir de 2013, o magazine passou a dedicar mais páginas à análise e cobertura jornalística de assuntos diretamente relacionados ao Brasil.

Enquanto o editorial de estreia de *Le Monde Diplomatique Brasil*, já citado nestas páginas, sinalizou a intenção de ultrapassar a polarização entre esquerda e direita, após a nebulosa altermundialista evanescer e junho de 2013 irromper, o editorial de junho de 2014 reposicionou os polos. Nas palavras de Bava:

Para muitos, a divisão política entre direita e esquerda soa hoje como um anacronismo. Essa divisão não é uma coisa do passado que está superada? Falar de direita e esquerda no século XXI, com a revolução nas tecnologias, as profundas transformações nas classes trabalhadoras e nas relações de poder, com a internet convocando mobilizações, não é saudosismo? A resposta é não. Enquanto o capitalismo produzir e aumentar em nossas sociedades a desigualdade social, ampliar o fosso entre ricos e pobres, colocar na miséria um contingente crescente de trabalhadores, é preciso enfrentar esse modelo de produção e organização social que assume, em sua última forma, o nome de neoliberal. É o que defendem, por exemplo, os movimentos Occupy, nos Estados Unidos, quando contrapõem os interesses dos 99% da população aos do 1% mais rico. A diferença básica é o que se faz com a riqueza produzida. O neoliberalismo mobiliza a sociedade e seus recursos para aumentar o lucro das empresas, especialmente das transnacionais, não importa o custo social. A esquerda quer que essa riqueza se transforme em bem-estar para toda a sociedade e busca justiça social (Bava, 2014, p. 3).

Na análise de André Singer (2013), os acontecimentos de junho podem ser simultaneamente interpretados como expressão de uma classe média inconformada com diferentes ângulos da realidade nacional e um reflexo do “novo proletariado” (trabalhadores jovens, que conseguiram carteira assinada na década lulista de 2003 a 2013, mas que vivem alta rotatividade, baixa remuneração e más condições de trabalho). Já autores como Céli Pinto (2017) destacam como as manifestações de junho de 2013, seguidas pelos protestos relacionados à Copa do Mundo de 2014, por sua vez seguidas

pelas marchas pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff de 2015, tiveram um forte deslocamento discursivo em uma direção conservadora.

Assim, enquanto avançavam no país as discussões sobre a polarização política e o confronto de agendas de direita e esquerda, avançam as críticas de *Le Monde Diplomatique Brasil*, posicionando-se à esquerda no espectro político – era o momento, pode-se dizer, de marcar posição. Entretanto, noutro artigo, o autor critica intelectuais e imprensa por destacar uma “falsa polarização” entre esquerda e direita, entre neoliberais e bolivarianos, entre uma classe média “coxinha” e os trabalhadores – na análise do autor, esta é só a ponta do iceberg, que oculta uma estratégia política contra o PT (Bava, 2015).

Às vésperas do impeachment da presidente Dilma Rousseff, por exemplo, o editor endereçou críticas à “campanha sistemática da mídia golpista” contra o Partido dos Trabalhadores, que viria a agravar o antagonismo da sociedade contra os “petralhas” (Bava, 2016). Segundo o editor, a polarização política teria sido “irresponsavelmente insuflada por parte da mídia”, acirrando ânimos, discursos de ódio e atos de violência. A crítica é partilhada por autores como Jessé Souza (2016).

Lembrando 2013, Bava assinala a alternativa da pressão popular para retomar as rédeas da política, como locus de disputa de ideias, com a ativação de movimentos sociais e núcleos de resistência à ascensão conservadora que se delineava. O argumento da pressão popular é resgatado em outro momento decisivo na história recente do país, a prisão do ex-presidente Lula e as eleições presidenciais de 2018. “A disputa política na sociedade se dá pela disputa das narrativas”, escreveu o editor (Bava, 2018). E nesta disputa de valores e visões de mundo, diz, setores neoliberais se armaram com um arsenal de produções culturais (cursos, filmes, livros, programas de TV). Assim, propõe:

Entre os principais desafios para os próximos anos está estimular o pensamento crítico, produzir análises e debates que contribuam para a formação e instiguem os jovens e todos os setores discriminados a construir uma nova frente política e enfrentar o regime autoritário que se configura e a nova forma de espoliação dos trabalhadores, isto é, de todos aqueles que vivem de seu trabalho. [...] A aposta é refundar a democracia em bases populares, para a defesa dos interesses das maiorias. Se as eleições de 2018 ainda são um importante marco dessa disputa, é preciso olhar para um horizonte mais amplo, organizar a resistência e entender que a construção de um pensamento hegemônico se faz no dia a dia, disputando ideias e políticas, fazendo a crítica das políticas atuais e apresentando alternativas para disputar corações e mentes (Bava, 2018).

Às vésperas das eleições de outubro de 2018, Bava destacou mais uma vez a importância de disputar tais corações e mentes – como diz o editorial, “na linguagem do povo”. Na sua crítica, considera que a esquerda é ignorada pela mídia *mainstream* e não está conseguindo encontrar um discurso capaz de sensibilizar a sociedade – não só a esquerda, acrescenta, mas um arco maior de organizações de defesa da democracia e dos direitos humanos. O editor pondera que o ciclo de eleições da primeira década do século XXI na América Latina mostrou que “os pobres não são ignorantes, não estão sujeitos a todo tipo de manipulações e não querem ficar no lugar subalterno destinado a eles pelas elites” (Bava, 2018a), entretanto, a esquerda estaria distante deles e de suas consternações cotidianas – e a direita, à espreita, com discursos simples e fórmulas simplistas “na

linguagem do povo” a camuflar suas propostas políticas. Foi este o tom da campanha de Jair Bolsonaro.

Após a vitória do Partido Social Liberal, o jornalista francês Renaud Lambert, editor de América Latina no *Monde Diplomatique*, levantou a questão:

Há poucos meses, o Brasil caminhava para uma guinada à esquerda. Tudo indicava que Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores, PT) venceria facilmente a eleição presidencial em outubro de 2018. Com 40% das intenções de voto, o ex-chefe de Estado desfrutava de uma vantagem confortável sobre seus adversários, inclusive em um contexto de volatilidade que complicava as estimativas. No entanto, condenado por corrupção após um processo duvidoso – marcado por uma intransigência que a justiça não impôs aos dirigentes de direita –, Lula teve de renunciar à sua candidatura em 11 de setembro de 2018. Em seguida, um deputado de extrema direita, que propõe purgar o Brasil do comunismo e restaurar a ordem, emergiu como o homem forte do quinto país mais povoado do planeta. Será que os brasileiros se tornaram fascistas em poucas semanas? Poucos sabiam da existência de Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal, PSL) antes da campanha presidencial. Seus impulsos sexistas, homofóbicos, favoráveis à tortura ou desaprovando a moleza repressiva do general chileno Augusto Pinochet, sem dúvida, teriam sido esquecidos se tivessem sido proferidos por um desses jornalistas instruídos para ativar os microfones e polemizar. Considerando que representam o programa de um homem que obteve 55% dos votos no segundo turno das eleições presidenciais, deram a volta no mundo. Existem, sem dúvida, brasileiros de extrema direita. Mas representam mais que uma fração dos 57,8 milhões de pessoas que votaram em Bolsonaro? (Lambert, 2018).

De 2013 a 2018, a imprensa internacional observou com especial ênfase a conjuntura política do Brasil, levantando questões similares. Lambert lembra que, não muito tempo antes, o país inspirava esperança e admiração, citando como exemplo episódico a frase do presidente americano Barack Obama endereçada a Lula na cúpula do G20 em abril de 2009 (“o político mais popular do mundo!”). Pouco tempo depois, acrescenta o autor, a história mudaria de rumo: “Os roteiristas da série norte-americana *House of Cards*, diante das intrigas bizantinas, reconheceram-se ultrapassados pela criatividade que revelaram os escândalos de corrupção brasileiros” (Lambert, 2018). Na sua análise, as manobras da direita e das mídias contra Lula tornaram possível o impensável: elevar a política encarnada por Bolsonaro à condição de alternativa aceitável para o país – de certo modo, firmou-se a ideia no imaginário de seus eleitores de que o político simbolizaria o “novo”.

Autores como Ronaldo Almeida (2019) apontam a alta do conservadorismo a culminar nas eleições de 2018 – a vitória de um político de extrema direita, diz o autor, foi articulada pela combinação de diferentes discursos a alardear uma pretensa “nova política”, contraponto a um atual Estado antro de corruptos, especialmente adjudicado ao PT.

Autoras como Esther Solano (2018), Lucia Scalco e Rosana Pinheiro-Machado (2018) acrescentam como transformações pelas quais passaram os jovens na esteira da emergência e colapso do crescimento econômico – além das condições materiais da

existência, com impacto nas aspirações e possibilidades de compreensão do mundo a partir dos sentimentos de esperança e ódio.

Lucia Scalco e Rosana Pinheiro-Machado (2018) investigaram especificamente a maior periferia de Porto Alegre, cidade tida como “o berço e o exemplo para o mundo dos experimentos petistas do orçamento participativo desde 1990”. Segundo as autoras, após anos de politização popular via movimentos sociais, a capital gaúcha paulatinamente se desmobilizou diante de políticas liberais durante os governos do PT, com a inclusão financeira focada no indivíduo. Entretanto, o brilho da bonança econômica da época (um momento de mobilidade social que irradiava esperança, como ilustram as autoras) foi se apagando a partir da crise econômica de 2014 e se esvaiu diante da agenda de austeridade de 2016, sendo substituído por um sentimento diferente, de desalento e de revolta, entre jovens que viram no ex-militar uma alternativa radical “à vida como ela é” (Pinheiro-Machado, Scalco, 2018).

O fulgor de Porto Alegre, a capital ao sul a abrigar “sonhadores”, como escreveu Ignacio Ramonet (2001, p. 40), foi ofuscado. O céu de Brasília, na expressão diletta de ativistas, acadêmicos e jornalistas críticos, vive tempos sombrios.

Considerações finais

Nas páginas de *Le Monde Diplomatique Brasil*, o jornalista Frei Betto lamentou o que considera o triste fim da esquerda no país, costurando à linha fina as ideias de um passado não tão distante (as possibilidades do altermundialismo e da onda rosa latino-americana) e as ilusões de um presente pulsante (diante da prevalência do mercado e da ascensão da onda conservadora). Destaca-se o seguinte trecho de sua incisiva autocrítica:

Nossa “pátria-mãe”, a União Soviética, ruiu. A China enveredou-se pelo capitalismo de Estado. O futuro da Revolução Cubana é incerto. “Proletários de todo o mundo, uni-vos”, exortava Marx. Foram os biliardários do mundo todo que se uniram em Davos. [...] Nós, da esquerda, abandonamos o trabalho de base, a formação de militantes, o enfrentamento ideológico. Sob os escombros do Muro de Berlim ficou soterrado nosso arcabouço teórico. Nunca mais fomos os mesmos. Ao nos afastarmos da base popular perdemos a vergonha de ser burgueses. Silenciamos quanto ao futuro socialista. Passamos a acreditar que o capitalismo é humanizável, tigre vulnerável a se transformar em gatinho doméstico. Arranha, mas não devora... Se o nosso arcabouço teórico ficou sob o Muro de Berlim, a razão primeira da existência da esquerda se agigantou, mas nem sempre tivemos olhos para ver a grande horda de excluídos e marginalizados. Porém, o pobretariado não figura em nossas cogitações. Até gostamos de governar para ele, não de manter vínculos orgânicos que deem consistência a uma proposta política transformadora. O passado se foi e não sabemos ainda como reinventar o futuro. Nossas ações pontuais, todas meritórias, não se consubstanciam em uma proposta política com indícios de viabilizar “o outro mundo possível”. Visto de hoje, ele parece impossível. Sem deixarmos de fazer autocrítica, há que guardar o pessimismo para dias melhores (Betto, 2017).

Le Monde Diplomatique desembarcou no Brasil após diferentes tentativas de consolidação. O projeto impresso vingou em 2007, surfando na onda da idealização de “outro mundo possível”, isto é, do movimento altermundialista – entre seus entusiastas estavam o editor Bernard Cassen e o diretor Ignacio Ramonet.

Em 2008, Ramonet se aposentou e Serge Halimi assumiu a direção. Em 2009, o sucessor já sinalizava o apagar das luzes do altermundialismo:

Evidentemente, o declínio do altermundialismo nos afetou mais duramente que a outros. Ainda que a hegemonia intelectual do liberalismo tenha sido questionada, sua argila se endureceu rapidamente. Se a crítica não é suficiente, a proposta tampouco: a ordem social não é um texto que bastaria “desconstruir” para que se recomponha por si mesmo; muitas ideias arranham o mundo real, sem derrubar seus muros. Não obstante, às vezes se espera de nós que os acontecimentos se dobrem a nossas esperanças comuns. E, caso contrário, nos julgam um tanto deprimentes... (Halimi, 2009, p. 28).

Obviamente, a história é dinâmica – e a imprensa também. No instante do desenrolar dos fatos, não se pode esperar previsões sobre o horizonte aberto do futuro. Pode-se, entretanto, afirmar que as apostas de certos intelectuais e jornalistas foram altas – a “era de ouro” festejada por Ramonet, o “novo” esperado por Arantes e Bava –, acabando por superestimar o colapso possível do capitalismo neoliberal diante da crise financeira internacional de 2008 (Fiori, 2008; Duménil, Lévy, 2014) para marcar um fim de época e abrir um capítulo novo na história.

Não era possível saber, à época, que certas ideias seriam sublimadas como ilusões e *wishful thinking* diante de convulsões políticas, golpes e arsenais de *fake news* mundo afora. Contudo, a partir das páginas de *Le Monde Diplomatique*, é possível analisar e compreender a movimentação de tais ideias no tempo – e trazer a lume uma narrativa, inevitavelmente fragmentada, na qual a imprensa é um ponto de partida para a reconstrução das compreensões de uma época, destacando as ações narrativas dos jornalistas como protagonistas do período (Barbosa, 2007).

Um editorial de *Le Monde Diplomatique* de 2008 diagnosticava a ausência de uma interpretação do futuro que empolgue multidões. “A principal tarefa da esquerda é propor um mundo novo, pensar uma nova sociedade, construir uma utopia, construir uma narrativa – com passado, presente e futuro – que seja capaz de prefigurar uma nova sociedade”, escreveu o editor (Bava, 2008a, p. 3). Ainda estão rolando os dados.

Referências bibliográficas

- Agrikoliansky, E.; Fillieule, O.; & Mayer, N. (2005). *L’altermondialisme en France: la longue histoire d’une nouvelle cause*. Paris: Flammarion.
- Agrikoliansky, E.; & Gobbille, B. (2011). El activismo altermundialista en Europa. In: *Revista de Sociología*. Santiago: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile, n. 25, pp. 139-161.
- Almeida, R. (2019). Bolsonaro presidente. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 38, pp. 185-213. <http://dx.doi.org/10.25091/s01013300201900010010>
- Aquino, M. (1999). *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1968): O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC.

- Barbosa, M. (2007). *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Bobbio, N. (2011). *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp.
- Bobbio, N. (1997). *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp.
- Cava, B. (2013). *A multidão foi ao deserto*. São Paulo: Annablume.
- Fernandes, S. (2019). *Sintomas mórbidos*. São Paulo: Autonomia Literária.
- Fiori, J.; Medeiros, C.; & Serrano, F. (2008). *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record.
- Duménil, G.; & Lévy, D. (2014). *A crise do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo.
- Jeanneney, J. (2003). A mídia. In: Rémond, R. *Por uma história política* (pp. 213-230). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Kucinski, B. (2003). *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP.
- Locatelli, P. (2013). *#VemPraRua*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Luca, T. (2014). Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C. *Fontes Históricas* (p. 111-153). São Paulo: Contexto.
- Mattelart, A.; & Mattelart, M. (2004). *Pensar as mídias*. São Paulo: Loyola.
- Ortellado, P.; Lima, L.; & Judensnaider, E. (2013). *Vinte centavos*. São Paulo: Veneta.
- Pinheiro-Machado, R.; & Scalco, L. M. (2018). Da esperança ao ódio. *Cadernos IHU Ideias*, v. 16, pp. 3-15.
- Pinto, C. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). (2017). *Lua Nova*, v. 100, pp. 119-153. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-119153/100>
- Ricci, R.; & Arley, P. (2014). *Nas ruas*. Belo Horizonte: Letramento.
- Santos, M. (2004). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Sayuri, J. (2016). *Diplô: Paris – Porto Alegre*. São Paulo: Com-Arte.
- Sayuri, J. (2018). *Paris – Buenos Aires*. São Paulo: Alameda.
- Scherer-Warren, I. (2014). Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno CRH*, v. 27, pp. 417-429.

- Singer, A. (2013). Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 97, pp. 23-40. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>
- Sirinelli, J. (2003). Os intelectuais. In: Rémond, R. *Por uma história política* (pp. 231-269). Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.
- Solano, E. (2018). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Souza, J. (2016). *A radiografia do golpe*. Rio de Janeiro: Leya.
- Szczepanski-Huillery, M. (2005). Les architectes de l'altermondialisme, registres d'action et modalités d'engagement au Monde Diplomatique. In: Agrikoliansky, E.; Fillieule, O.; & Mayer, N. *L'altermondialisme en France: La longue histoire d'une nouvelle cause*. Paris: Flammarion.
- Thompson, J. (2009). *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes.

Fontes

- Arantes, J. (2007). Um novo olhar. *Le Monde Diplomatique Brasil*, p. 3.
- Bava, S. (2008). Um jornal que é seu. *Le Monde Diplomatique Brasil*, p. 3.
- Bava, S. (2008a). Pensar um mundo novo. *Le Monde Diplomatique Brasil*, p. 3.
- Bava, S. (2013). Para onde vai o governo? *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/2Zf8DgI>
- Bava, S. (2014). A esquerda e a democracia. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/30dTSrZ>
- Bava, S. (2015). Uma falsa polarização. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/2Zc8ACr>
- Bava, S. (2016). Sociedade dividida. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/30c5Emt>
- Bava, S. (2018). E agora? *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/2HclB4y>
- Bava, S. (2018a). Na linguagem do povo. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/2THaZQl>
- Betto, F. (2017). A direita saiu do armário; a esquerda entrou. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/2HbdSnC>
- Gabetta, C. (2004). Necesidad de una modesta utopía. *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, p. 3.

- Halimi, S. (2009). Notre combat. *Le Monde Diplomatique*, p. 28.
- Lambert, R. (2018). Os brasileiros são todos fascistas? *Le Monde Diplomatique Brasil*.
Disponível em: <https://bit.ly/31Khwwn>
- Navarro, C.; Godoy, R.; & Brasilino, L. (2013). O junho de 2013. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://bit.ly/2KCHUmc>
- Ramonet, I. (2001). Porto Alegre. *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, p. 40.
- Ramonet, I. (2003). Viva Brasil!. *Le Monde Diplomatique*, p. 1.
- Ramonet, I. (2006/2007). Age d'or. *Manière de voir*, pp. 4-5.
- Vidal, D. (2006). L'Internationale du Diplo. *Le Monde Diplomatique*, p. 27.